
Marília Carvalho de Mello e Alvim e João Carlos Gomes analisam os casos de hiperosteo-se porosa — considerada um marcador não-específico de estresse — em 20 crânios de índios Tenetehára-Guajajara que viveram há 50 anos na região do rio Pindaré, no Estado do Maranhão. Os esqueletos foram coletados pelo Dr. Pedro de Lima. Os resultados obtidos demonstram que, no material Tenetehára, a hiperosteo-se é consequência de fatores ambientais que provocaram a anemia malárica crônica, fortalecida por uma dieta inadequada, resultante do contato do indígena com a população regional, não-indígena.

A seguir, Verônica Wesolowski e Zélia dos Santos analisam, em uma reduzida amostra dentária Tupí-Guaraní, casos de hipoplasia linear de esmalte, considerada também um exemplo de marcador não-específico de estresse.

Carlos E. A. Coimbra Jr. e Ricardo V. Santos, em seu artigo sobre paleoepidemiologia e epidemiologia das populações brasileiras, demonstram que, a partir da análise do material ósseo das populações pré-históricas, chega-se apenas a um quadro fragmentário do estudo dessas populações. O quadro que se obtém a partir do exame das populações atuais é muito mais complexo e serve de contraponto ao estudo das populações desaparecidas. Em resumo, os métodos usados em epidemiologia contribuem para tornar mais seguros os resultados da paleoepidemiologia.

Em outro artigo, Marcia Chame propõe um

método experimental de diagnóstico de fezes e coprólitos não-humanos encontrados no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí. Segundo a autora, os padrões utilizados na caracterização das fezes recentes encontradas na mesma região, onde se localizam vários sítios arqueológicos, também podem ser utilizados na identificação de coprólitos. Os coprólitos examinados foram coletados em 6 sítios arqueológicos datados entre 2.000 AP e até cerca de 8.000 AP.

Finalmente, Jorge Ferigolo discorre sobre as paleopatologias de vertebrados não-humanos e sua importância para se estudar a paleontologia evolutiva (cujo espectro é, segundo o autor, muito mais amplo do que o da paleopatologia humana); para se esclarecer aspectos ligados à história e à evolução das doenças; para se evitar erros taxionômicos; e para suprir informações sobre hábitos alimentares e dados biomecânicos. O autor — pioneiro no Brasil em paleopatologia de vertebrados não-humanos — lista os materiais examinados (ossos e dentes), descreve diversas patologias e aponta suas prováveis causas.

A leitura do livro parece-nos imprescindível a todos quantos se interessam pelos estudos de paleopatologia e paleoepidemiologia em suas visões multidisciplinares.

Maria da Conceição de M. C. Beltrão
Setor de Arqueologia
Museu Nacional

La Historia de Julian: Memorias de Heroína Y Delincuencia. Juan F. Gamella. Madrid: Editorial Popular S. A., 1990.
ISBN 84-7884-018-4

Juan F. Gamella, antropólogo do Departamento de Ciências Políticas da Universidade de Granada/Espanha, trabalhando na área de saúde, apresenta neste livro, de maneira especial, os resultados de uma pesquisa de abordagem qualitativa, conduzida no período de 1977 a 1987, sobre a trajetória da construção de um problema social: a juventude marginal e o

mundo da droga na Espanha. As investigações foram conduzidas em alguns bairros da zona norte de Madri, espaço urbano caracterizado por profundos contrastes sócio-econômicos, pululado por crianças e jovens sem ocupação definida, que se espalham por espaços concretados difusos, ruidosos, sem jardins, praças e outras áreas de lazer, também carente de escolas, em número e qualidade, transporte coletivo, etc. O autor realizou a pesquisa trabalhando com o método etnográfico e com muita sensibilidade apresenta, no texto, biograficamente, depoimentos pessoais sobre a história do *modus* de vida

de um delinqüente madrileno procedente de família operária de classe média baixa. É uma espécie de pesquisa participante que se desenvolveu e se concretizou pelas vozes dos próprios protagonistas. Tendo como modelo o problema da heroína, Gamella desenha a história social da droga na Espanha. Para não comprometer as pessoas, os nomes verdadeiros dos indivíduos e lugares foram deliberadamente substituídos por outros, fictícios. Mas a história de Julian e de seus companheiros tanto é verdadeira como, ao mesmo tempo, cruel. Traduz-se em “um novo estilo de vida, uma nova realidade subcultural” de experiências de dissociabilidade, autodestruição (a maioria morreu ou está com SIDA) e auto-agressão (a opção no consumo das drogas é endovenosa).

O problema foi estudado no meio natural onde jovens construía sua identidade e comportamento, forjados na exclusão e na marginalização social e traduzidos pela opção à ilegalidade e desprezo aos valores estabelecidos. É identificado todo um processo de transformação coletiva, caracterizado por uma linguagem própria e ritualizada. Vivendo em grupos ou *gangs*, os *yonkies*, como são chamados os heroinomanos na Espanha, são liderados por indivíduos que assumem imagens de “heróis-bandidos” de forma cinematográfica, simbolizando, por um lado, a rebeldia social e, por outro, poder e sucesso de comando.

É também uma “história eminentemente masculina, onde o papel feminino é secundário e dependente ...”. As mulheres são geralmente iniciadas por seus companheiros, quando no estabelecimento da relação sexual. A proporção é de quatro indivíduos do sexo masculino para um do sexo feminino. Os grupos de risco compreendem jovens nascidos pós-64, época de profundas transformações sociais e políticas e no mundo e na própria Espanha. Para estes

jovens, “o consumo de drogas pesadas, quer seja heroína ou cocaína, ou, ainda, o uso de fármacos se converte no elemento central de suas vidas”.

O autor mostra que a este problema a sociedade tem como resposta o discurso da intolerância e de alarme social e pânico moral, não só estigmatizando, mas estereotipando e culpabilizando. Por outro lado, mostra também como o Estado intervém, respondendo com medidas repressivas através da carcerização massificada, da medicalização substitutiva. Por sua vez, no cenário entra também a mídia que, através de seus diferentes canais de divulgação publicitária, mais colabora para a extensão do problema do que para sua prevenção.

Gamella destaca e discute também, em seu livro, o fato de o uso de drogas na Espanha ter sido importado e difundido a partir do modelo norte-americano de sociedade consumista, através de fluxos culturais divulgados principalmente pelos meios de comunicação: cinema, TV, imprensa sensacionalista. Isso parece ficar evidente quando é decodificada e analisada a linguagem utilizada pelos *yonkies*, repleta de anglicismos.

Finalizando, como o próprio autor afirma, este é um texto que pode ter “várias leituras e interpretações”, o que caracteriza sua autenticidade de investigação. O seu caráter universal pode, por outro lado, ser identificado, mesmo que a investigação tenha sido realizada na Espanha, pelos determinantes semelhantes aos de outros países onde o problema tem a mesma dimensão social.

Dalva A. Mello

Faculdade de Ciências da Saúde
Fundação Universidade de Brasília

Ecologia, Epidemiologia e Sociedade. O. P. Forattini. São Paulo: Artes Médicas/EDUSP, 1992. 529 p., ilus., bibliografia.

Este livro pode ser considerado um precursor de *Diálogo Sobre Ecologia, Ciência e Política*, de César Benjamin, que mostra uma dis-

cussão entre um pesquisador de ciências naturais e outro de ciências sociais.

Ecologia, epidemiologia e sociedade são uma escada. A ecologia envolve tudo; a epidemiologia, no caso em apreço, é uma ecologia dos agravos que sofre o homem. Este, por sua vez, vive numa sociedade diferente da dos demais